

RESENHA DA OBRA: MARXISMO, RELIGIOSIDADE E EMANCIPAÇÃO HUMANA

Vinicius Pinheiro de Magalhães*

Recebido em: 11/01/2018. Aceito em: 06/09/2018

O catarinense Ivo Tonet, autor dos livros “*Educação contra o capital*” e “*Método científico*” – ambos pelo Coletivo Veredas – é professor doutor da Universidade Federal de Alagoas, especialista na área de filosofia política, atuante nos temas do marxismo e socialismo.

Tonet propõe uma discussão de extrema importância na obra “*Marxismo, religiosidade e emancipação humana*”. A publicação deste livro pelo Coletivo Veredas é emblemática, na medida em que tanto o conteúdo da publicação como a missão desta editora alternativa convergem na direção de contribuir com a proposta de uma emancipação humana, que só pode ser desenvolvida num modo de produção radicalmente distinto deste que temos.

O objetivo desta obra é verificar a relação e as possibilidades de diálogo e convergência entre a religiosidade e a emancipação humana (comunismo) numa perspectiva de análise filosófico-ontológica, isto é, numa abordagem de análise que leve em consideração a essencialidade dos fenômenos a serem discutidos; com a proposta de analisá-los na sua origem, natureza e função social. Esta obra merece destaque, inclusive, para o rigor metodológico ortodoxo com a perspectiva crítica materialista histórico-dialética de Karl Marx, além da notável influência de György Lukács.

O livro é dividido em sete capítulos. No primeiro capítulo o autor propõe a discussão de questões preliminares que servem de obstáculos para tratar da problemática religiosa. Ivo Tonet estabelece sete principais obstáculos, a saber:

caráter particular e subjetivo da crença religiosa; questionamento da existência de uma espiritualidade transcendental; limitação do conhecimento social e natural; sentido da história e da vida; sensação de impotência; caráter dogmático de toda crença religiosa; e a formação histórica de todo crente. O autor sugere que o pretense leitor supere esses obstáculos que são naturais a todas as discussões relacionadas à religiosidade. Tonet compreende bem os desafios de uma discussão que leve em consideração as dimensões da religiosidade e da revolução mas, admiravelmente, não foge ao debate que acredita ser profundamente necessário para fortalecer as fileiras de luta pela emancipação humana.

Nos capítulos II, III e IV o autor estabelece o ponto de partida de análise do estudo, discutindo a ontologia do ser social, bem como o processo de tornar-se humano do ser humano. O ponto de partida de “*Marxismo, religiosidade e emancipação humana*”, com vistas a alcançar o objetivo de verificar a relação entre estes elementos supracitados, é identificar a origem e natureza do ser social. Tonet parte da ontologia do ser social para em seguida propor uma ontologia da religiosidade e da emancipação humana.

O salto ontológico que essencialmente caracterizou o ser social foi o advento do trabalho. A categoria trabalho possibilitou uma interação objetiva e subjetiva do homem com a natureza. Uma das características do trabalho humano, que pressupõe uma consciência teleológica, é a transformação da natureza (num sentido objetivo)

* Mestrando e Bolsista CAPES/DS pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (PROSS/UFS). Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: viniciuspmaga@gmail.com



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

e também do próprio homem (num sentido subjetivo). Portanto o trabalho humano produz objetividade, mas também subjetividade. O homem no ato de transformação da natureza transforma a si próprio. O trabalho, nesse sentido, além de produtos objetivos, produz também subjetividade.

A partir dessa característica da ontologia do ser social Tonet propõe agora, no capítulo V, a análise da religiosidade identificando a origem, natureza e função social da mesma. Primeiro estabelece a religiosidade como um termo mais adequado, pelo fato de ser o termo mais abrangente possível para conceituar uma crença fundada na fé. Em seguida, afirma que toda atividade do ser social provém do trabalho, isto é, da relação do ser social com a transformação da natureza. Com a religiosidade não é diferente, esta tem origem no advento da divisão social do trabalho. Nesse sentido, a religiosidade primitiva pode ser explicada a partir da falta de desenvolvimento das forças produtivas e da falta de compreensão dos fenômenos da natureza. Os elementos da natureza que os homens ainda não conseguiam dominar (no sentido de entender para melhor transformar a natureza) passam a ter atributos divinos e metafísicos, assim surgindo a religiosidade primitiva. A religiosidade moderna tem características diferenciadas da religiosidade primitiva, porque aquela é fruto de uma sociedade onde as forças produtivas se desenvolveram ao ponto de dominarem a natureza, entretanto, agora, a mercadoria é quem fetichiza e consequentemente domina as relações sociais. Só resta ao homem moderno projetar sua esperança de emancipação humana num mundo metafísico que se sobrepõe à realidade concreta, o que é peculiaridade da religiosidade moderna. Ao explicar a natureza da religiosidade o autor afirma que a essencialidade desta é a crença em um mundo transcendental e a fé, e sua função social é proporcionar sentido à vida, consequência da falta de desenvolvimento das forças produtivas ou da mistificação que a mercadoria moderna promove nas relações sociais.

O autor, além da constatação da religiosidade como resultado da projeção humana, consequente, de determinada realidade concreta, atribui às religiões a função de legitimadora e reprodutora da sociedade de classe em virtude de suas características alienadoras, isto é “[...] processo social [...] através do qual, determinados

poderes, próprios de seres humanos, são atribuídos a coisas ou entidades não humanas” (TONET, 2016, p. 82). Ainda no capítulo V Tonet critica a perspectiva religiosa que afirma não existir, no âmbito da filosofia e da ciência, a possibilidade da explicação de tudo. O autor contesta esse argumento ao afirmar a ontologia como um método capaz de “compreender a origem, natureza e a função social de qualquer dimensão da realidade social” (TONET, 2016, p. 89). Critica ainda o discurso de que a religiosidade fornece sentido à vida, ao afirmar que o ideal não pode fornecer sentido (finalidade) à vida material e concreta. De igual modo, afirma que a religiosidade não é a única promotora de valores em resposta a alguns dos obstáculos introdutórios para esta discussão temática.

Também a ontologia da emancipação humana pode/deve ser compreendida através da categoria trabalho, é o que o autor faz no capítulo VI. É a forma do trabalho quem determinará as relações sociais e, consequentemente, se a sociedade possibilitará a condição da alienação ou não. O trabalho assalariado é um exemplo deste fato. Portanto, a origem da emancipação humana pressupõe a origem de um novo tipo de trabalho: o trabalho associado. “Trabalho associado é uma forma de trabalho na qual todos os indivíduos, segundo suas possibilidades e capacidades, põem em comum suas forças para contribuir na produção dos bens materiais necessários à existência humana” (TONET, 2016, p. 106). O trabalho associado é o que possibilitará a construção de uma sociedade de fato comunista e que garantirá a plenitude da emancipação humana e da liberdade. Com o advento do trabalho associado não existirá espaço para alienação religiosa. As forças produtivas serão plenamente desenvolvidas e não existirá mercadoria como valor de troca, os produtos do trabalho coletivo serão apenas para satisfação das necessidades humanas (valor de uso).

Como resposta às problemáticas introdutórias a respeito do sentido da vida Tonet, ainda no capítulo VI, afirma que na perspectiva marxiana a vida não tem sentido – considerando o sentido da vida como finalidade. Entretanto, o ser social constitui-se de dois momentos, o singular e o universal, o individual e o genérico. Toda a produção objetiva e subjetiva do gênero humano servirá para direcionar os valores que

farão parte da vida humana. Portanto, o sentido da vida, numa perspectiva filosófico-ontológica, é produzido pela totalidade do ser social. No âmbito individual, diz Tonet: “[...] o sentido está relacionado à conexão [...] com esses valores” (TONET, 2016, p. 117). Além dessa reflexão sobre a relação entre emancipação humana e sentido da vida, o autor ainda relaciona a emancipação com a necessária transição revolucionária, no sentido de socializar os meios de produção e instaurar o trabalho associado, que em última instância implicará violência – ideia não palatável para religiosos.

O autor após concluir a ontologia da religiosidade e da emancipação humana afirma, no capítulo VII, que todas as experiências de socialismo real falharam com a tentativa de supressão da religiosidade pela força. Ora, se a religiosidade é fruto de determinada realidade social concreta a forma de suprimir esse tipo de “alienação” é superando a sociedade que necessita dela.

Os dissensos inflexíveis que existem entre marxistas e religiosos estão relacionados à: primazia do espírito/primazia da matéria; existência/não existência de um mundo transcendente; origem do mundo a partir da metafísica/origem da sociedade a partir da explicação racional e da atividade humana; existência da teleologia no conjunto do universo/existência da teleologia no interior do ser social; explicação da realidade recorrendo à transcendência/explicação da realidade limitando-se à imanência; maldade e bondade de ordem metafísica/bondade e maldade definidas a partir das bases concretas da sociedade. Os consensos que existem como possibilidade para religiosos e marxistas estão relacionados à ação conjunta com objetivo de transformação social, que trata da “[...] eliminação de toda forma de exploração e dominação do homem pelo homem, a supressão integral da propriedade privada e a extinção do Estado” (TONET, 2016, p. 138).

Ivo Tonet conclui seu pensamento sobre a possibilidade de consenso entre marxistas e religiosos propondo que os primeiros (marxistas) levem em consideração a religiosidade como um instrumento contrarrevolucionário e de estímulo à participação na luta pela emancipação, que não pode e não deve ser suprimida pela força. E que os segundos (religiosos) compreendam a realidade como ela de fato é, aceitando as

consequências dessa compreensão ontológica do real: revolução, necessária violência, superação da propriedade privada e superação de toda forma de alienação. Nesse sentido, os religiosos que se sentirem à vontade com os resultados evidenciados por este caminho metodológico filosófico-ontológico estão convidados pelo autor para somarem na luta pela emancipação humana.

Sugiro este livro para estudantes e profissionais da área das Humanidades, mas, sobretudo para o público do Serviço Social brasileiro. Pedro Simões (2005, 2007) tem identificado esta tendência religiosa em estudantes e em trabalhadores desta profissão. Iamamoto (2013) trata do motivador “vocacional” de corte religioso como fator para escolha do curso de Serviço Social e, noutro trabalho, também atesta o perfil religioso dos assistentes sociais brasileiros (IAMAMOTO, 2009). O livro poderá contribuir para uma síntese subjetiva entre elementos do marxismo (principal corrente teórico-metodológica que norteia o projeto político da profissão) e da religiosidade sem que se façam confusões referentes a estas duas categorias tão presentes no âmbito do Serviço Social.

Referências

IAMAMOTO, Marilda Villela. Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social. In: *Serviço Social: direitos e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009, p. 341-375.

_____. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social*. Ensaios críticos. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SIMÕES, Pedro. *Assistentes Sociais e Religião*. Um estudo Brasil/Inglaterra. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Religião e Política entre alunos de Serviço Social (UFRJ). *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2007, 27(1): 175-192. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000100009 Acesso em: 16 set. 2016.

TONET, Ivo. *Marxismo, religiosidade e emancipação humana*. Maceió: Coletivo Veredas, 2016. 150 p.